

O CRESCIMENTO DA EXTREMA-DIREITA NA EUROPA, PARTE 1: O DESPERTAR DE UM GIGANTE ADORMECIDO

Por Hamid Hajizadeh*



A política francesa Marine Le Pen (Albert Gea/Reuters).

O crescimento da chamada “extrema-direita” na Europa não é exatamente novo, mas sim um movimento que se iniciou há alguns anos atrás.

O presidente francês Emmanuel Macron decidiu realizar eleições antecipadas devido à vitória significativa da direita nas eleições europeias. Isto foi interpretado como um terremoto político. A extrema-direita francesa anunciou uma aliança com Marine Le Pen em eleições antecipadas, causando turbulência política e irritando o governo. Qual é o significado deste terremoto na França e na Europa?

Hoje em dia, a Europa é o foco de importantes acontecimentos políticos que muita gente desconhece. O crescimento da extrema-direita tem como alvo o continente verde e tem causado preocupações. Os partidos de extrema-direita obtiveram ganhos significativos nas recentes eleições parlamentares da UE, infligindo derrotas humilhantes aos partidos do chanceler alemão Olaf Scholz, do presidente francês Emmanuel Macron e do chanceler austríaco Karl Nehammer. Com os principais partidos controlando o Parlamento Europeu, com 705 membros, no domingo, o bloco de 27 membros oscilou acentuadamente para a direita, um sinal da persistência do sentimento “anti *status quo*” no continente. Mas quem é a extrema direita?

O QUE É A EXTREMA DIREITA?

Quando Donald Trump venceu as eleições presidenciais nos Estados Unidos, muitos tentaram analisar seu comportamento controverso sob uma escola ou conceito político. Ele foi chamado de populista, fascista, narcisista ou racista, mas um termo tornou-se mais utilizado do que os demais: extrema-direita. A extrema-direita abriga um sistema de pensamento multifacetado que se tornou muito importante nos últimos anos.

Recentemente, os nomes de muitas figuras de destaque têm sido associados à extrema-direita. Talvez o mais importante de todos seja Donald Trump, seguido por outros como o ex-presidente do Brasil Jair Bolsonaro, o primeiro-ministro da Hungria Viktor Orbán, a feroz candidata presidencial na França, Marine Le Pen, e o britânico e controverso defensor do Brexit, Nigel Farage. Esta lista pode, claro, continuar com dezenas de outros partidos e personalidades.

A extrema-direita, que se configura na forma de nativismo e hostilidade aos estrangeiros, tem diferentes aspectos. Na Europa de Leste manifesta-se na forma de conflitos nacionalistas e na Europa Ocidental e nos EUA surge na forma de “guerra cultural” que se opõe à globalização. Gira em torno do multiculturalismo, imigrantes, minorias raciais e muçulmanos. O ataque ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001 desempenhou o mesmo papel nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. A guerra contra o terrorismo e a invasão do Afeganistão e do Iraque trouxeram novas ondas de islamofobia e oposição à imigração. Segundo muitos, o ataque às torres gêmeas foi um sinal do fracasso da globalização e um ponto final a um mundo que acreditava estar caminhando em direção à democracia liberal e ao multiculturalismo sob a liderança dos Estados Unidos.

EXTREMA-DIREITA NA EUROPA

A extrema-direita já tinha crescido em muitos países europeus, mas os resultados das recentes eleições para o Parlamento Europeu, bem como as eleições na França e na Alemanha, deram-lhe mais impulso:

- Na França, a Assembleia Nacional de Marine Le Pen infligiu uma derrota tão esmagadora às reformas centristas de Macron que o presidente francês apelou à realização de eleições antecipadas. Macron, derrotado pela extrema-direita nas eleições europeias, dissolveu o parlamento no domingo e convocou eleições parlamentares para 30 de junho. Embora os partidos de esquerda franceses tenham anunciado uma união para as eleições, a dissolução do parlamento é uma manobra perigosa que poderá causar mais danos ao partido de Macron e perturbar os três anos restantes de seu mandato presidencial. Previa-se que a Assembleia Nacional conquistaria cerca de 33% dos votos e 31 assentos no próximo Parlamento Europeu, mais do que o dobro dos 15% da chapa de Macron. “Estamos prontos para retomar o país, estamos prontos para defender os interesses franceses e pôr fim à imigração em massa”, disse Le Pen. Claro, Macron aceitou a derrota. “Ouvi sua mensagem, suas preocupações e não as

deixarei sem resposta”, disse Macron. “A França precisa de uma maioria clara para agir em paz e harmonia.”

- Na Alemanha, o partido de extrema-direita Alternativa para a Alemanha ficou em segundo lugar, indicando sua força antes das eleições federais do próximo ano. Prevvia-se que o partido do euroceticismo obteria mais de 16% dos votos, seu melhor resultado na história, porque obteve uma percentagem de votos superior à dos três partidos da coligação de Scholz. A coligação conservadora da União Democrata Cristã e da União Social Cristã, na oposição em nível federal, liderou a votação com cerca de 30% dos votos. Os Verdes da Alemanha foram os maiores perdedores no domingo, caindo 8,5% para chegar a 12%, punidos pelos eleitores pelo custo das políticas de redução de emissões de CO₂.

Ursula von der Leyen, a presidente da Comissão Europeia, afirmou em relação às eleições para o Parlamento Europeu: “Estas eleições nos deram duas mensagens: primeiro, existe uma forte maioria moderada na Europa e isto é crucial para a estabilidade; em outras palavras, a moderação ainda está viva. Mas também é verdade que os extremistas foram apoiados pela esquerda e pela direita, e é por isso que estes resultados colocam uma grande responsabilidade sobre os ombros dos partidos moderados.”

Isso mostra claramente que as esperanças de Von der Leyen recaem na expectativa de que ainda restem moderados.

UM TERREMOTO INICIADO ANOS ATRÁS

O crescimento da extrema direita na Europa não é novo e começou já há algum tempo:

- Há anos, a primeira-ministra da Itália, a terceira maior economia da União Europeia, Giorgia Meloni, é líder de um partido com raízes descritas como neofascistas. Por enquanto, porém, a primeira-ministra italiana reforçou sua posição depois que o partido de direita Irmãos da Itália mais do que duplicou seus assentos no parlamento;
- Na Finlândia, após três meses de negociações, os nacionalistas extremistas juntaram-se ao governo de coligação;
- Na Suécia, o partido fortemente anti-imigração e anti-multicultural Democratas Suecos tornou-se o segundo maior do parlamento, e um bloco político recém-formado entre a direita e a extrema-direita suecas ganhou as eleições legislativas por uma pequena margem. Fez a diferença e tirou os esquerdistas do poder depois de oito anos;
- Na Grécia, três partidos de extrema-direita obtiveram assentos suficientes para maioria no parlamento;
- Na Espanha, o controverso partido nacionalista Vox – o primeiro partido de extrema-direita bem-sucedido desde a morte do ditador fascista Francisco Franco em 1975 – obteve um desempenho melhor do que o esperado nas eleições regionais.

Esta lista continua. Incluiu até a Alemanha, ainda muito sensível ao seu passado fascista. Tudo isso mostra que uma mudança importante está acontecendo nos países europeus.

Por esta razão, na próxima parte deste artigo discutiremos as raízes da extrema-direita e os efeitos e consequências do seu crescimento.

**Hamid Hajzadeh é jornalista iraniano, escritor e poeta persa residente nos Emirados Árabes Unidos. Hamid é analista político e especialista em Turquia, Afeganistão e nos países do Golfo Pérsico. É formado em engenharia econômica e apresentador-especialista em programas de rádio do Irã.*
